



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FREDERICO KELBERT FERNANDES

ESTILO DE VIDA ORGÂNICO: *Pesquisinventando* o viver
nos grandes centros urbanos

PORTO ALEGRE
2014/2

FREDERICO KELBERT FERNANDES

**ESTILO DE VIDA ORGÂNICO: Pesquisinvento o viver
nos grandes centros urbanos**

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura apresentado a Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Professor Doutor
Luiz Fernando Silva Bilíbio

PORTO ALEGRE

2014/2

FREDERICO KELBERT FERNANDES

**ESTILO DE VIDA ORGÂNICO: Pesquisinvento o viver
nos grandes centros urbanos**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade Superior de
Educação Física da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito para a obtenção do título
de Licenciatura em Educação Física,
sob a orientação do Professor
Doutor Luiz Fernando Silva Bilibio,
aprovado em 2014.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: _____
Prof. Dr. Luiz Fernando Silva Bilibio

MEMBRO: _____
Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya

RESUMO

Este ensaio em forma de carta tem como tema a problematização do homem, seu modo de viver e a relação com o meio em que ele habita: as cidades. Trata-se de um estudo que propõem a seguinte reflexão: Seria possível um estilo de vida orgânico estar presente nos grandes centros urbanos? Um estilo de vida envolvendo costumes, hábitos e percepções do próprio ser humano vinculado às diversas manifestações de vida (cosmo, natureza e outros seres vivos). Desta reflexão desdobra num segundo questionamento: Como a educação física estaria relacionada a este estilo de vida? Uma forma de viver que tenta escapar das estratégias sistêmicas de padronização do ser, para que este possa perceber e refletir também sobre sua existência corporal, buscando um caminho que contemple o bem estar próprio e coletivo, incluindo todas as formas de vida que o cercam. Para tanto, o ensaio é o método de escrita escolhido, um tipo de *pesquisinvenção* que possibilita trazer a experiência, os acontecimentos e as vivências do autor, integrados a alguns estudos que dão sustentação à reflexão. O trabalho ocorre na suspeita de que ao ensaio é necessário encontrar uma prática de conhecimento que também fuja das verdades universais, de conceituações utilitárias, da ciência produtora de estabilidade e de sujeitos neutros. Trilhar um percurso de escrita e de vida ligados a *physis*; algo que chamo de ser orgânico.

Palavras-chave: **Orgânico – Antropologia – Estilo de vida – Hábito**

ABSTRACT

This essay in shape of letter has as theme the problematization of the man, his way of living, and his relation with the environment: the city's. It's about a study who propose the mean reflexion: It's possible that a organic way of living be present in the large urban centers? A way of living that involves mores, habits and perceptions of the own human bound with several manifestations of life (Cosmo, nature and others life's). This reflexion leaves to a second questioning: How the physical education be related to this way of living? A way of living who try to scape of the systematic strategies of standardization, so the human can perceive and reflect about his body existence, searching for a path that contemplate his welfare and the good for others, including all life expressions around us. So, the essay is my chosen method of writing, one type of researchinvention that make possible to bring life experiences and events from the author and integrate with study's that gives substation to the subject. The research suspect that for the essay is necessary to find a knowledge who "run away" from the universal truths, the utilitarian conceptualizations, the science who produce stability and neutral subjects. walk in a "route" of writing and living, both connected more with the physis; something that I call it organic.

Key-words: **Organic - anthropology - way of life - habit**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organigrama ou diagrama da Physis.....	33
---	----

SUMÁRIO

COF COF COF.....	7
PESQUISINVENTANDO.....	9
TEMPOS DO ENSAIO.....	15
EVOLUÇÕES DE NATUREZA HUMANA.....	18
NOVAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS.....	23
A CIDADE, OS ESTRANGEIROS E SEUS ESTILOS DE VIDA.....	25
ESTILO DE VIDA ORGÂNICO.....	28
ORGANICOGRAMA OU DIAGRAMA DA PHYSIS.....	33
INTERFERÊNCIAS.....	38
 APÊNDICE – RELATOS SOBRE VALORES ORGÂNICOS	

COF COF COF

Nessa experiência de viver, e agora de escrever, quero poder refletir contigo leitor(a) sobre os estilos de vida que ensaiamos na cidade pós-moderna e na possibilidade de um estilo de vida orgânico estar presente na sociedade contemporânea. Opa... o tema engasgado em mim saiu antes mesmo de contar que esse texto é uma carta. Acho que foi o sentimento de liberdade. Ou de rebeldia. Também penso que essa apresentação atropelada do tema, pode ter sido consequência de minha escolha de escrita. De experimentar o ensaiar. Mas sei que o tema saiu por que estava engasgado, e é um alívio não estar mais trancado pela dúvida e pelo medo da incompreensão. Por isso deixo que o fluxo natural de entradas e saídas possam acontecer nesse texto, como acontece na vida.

Isso mesmo; deixo acontecer meu texto de forma livre. Me permito errar e rabiscar para caminhar num estado de aprendizado permanente. Me permito, assim como *Rauzito*, falar do ser humano como *metamorfose ambulante* levando em conta sua natureza e a diversidade de meios que o envolve. Para que nesse contexto de aprendizados e metamorfoses eu possa dar continuidade a atividade de pensar. Sobre nossas tentativas de qualificação do ser, sobre a busca de um ponto de equilíbrio e, até mesmo, sobre a nossa *physis* ligada com o planeta em que vivemos. Porém diante de reflexões tão profundas, “boto meu pé na terra” para que essa carta tenha sentidos acadêmicos. Para que tais questões não apresentem apenas respostas de acordo com os significados do escritor, mas que também apareçam em diversas formas de questionamento para o leitor.

Abordarei temas delicados? Sim. Será uma produção textual que trabalha as dúvidas de nossas certezas? O *estranhamento do*

*familiar*¹? Sim. Porém, sei que *o meu linguajar é nato eu não estou falando grego*². Dizendo de outra maneira, aposto em uma escrita que propositadamente busca ser simples e de fácil entendimento. Afinal, cada leitor é um universo diferente a possui interpretações e significados próprios. Essa produção textual acadêmica, pertence ao campo ensaístico, e ela se desdobra em carta. Minha aposta é escrever para que o corpo estudantil possa ter uma singular referência de produção de conhecimento. Outra pretensão com o *gênero* da *carta* seria utilizar este *artifício*, como escritores clássicos *Platão, Rilke e Freud*³ assim fizeram, para transmitir um saber, que não é só saber: trata-se de assumir e transmitir um saber com estilo.

Por isso, narro um pouco sobre minhas vivências e desse novo/velho estilo de vida que estou buscando e *pesquisinventando*⁴: o estilo de vida orgânico. Um modo de viver conectado com o que o ser humano tem de mais essencial: a vida. Um estilo que através de experiências e acontecimentos, se solidificou em meu dia a dia. Uma semente que brota aqui nos grandes centros urbanos e enfrenta dificuldades para crescer de forma natural. Enfim, uma problemática que envolve as pessoas que buscam mais naturalidade em viver e sua relação com os comportamentos da cidade.

¹ Pesquisar seria, consideravelmente, habitar incertezas e estranhar o familiar (Bilibio e Damico, 2011, p.94).

² Silva, 2004.

³ Bilibio e Damico, 2011, p.92.

⁴ Amorim, 2014, p.16.

PESQUISINVENTANDO

Ao começar a escrever o TCC, devo dizer que algo não entendi. Tudo me favorecia. A temperatura daquele dia estava ótima. Dentro do vaivém de secos e molhados de Porto Alegre, das trocas de temperaturas abruptas, havia conforto naquela tarde de primavera. Em minha companhia duas lobas. Uma é a Loba, cadelinha negra manchada de branco no peito e nas patinhas. Exausta pós-passear, estava deitada no piso parquet com as patas traseiras encostando no focinho, formando uma bolinha. A outra loba é a Dani, minha companheira amorosa tão humana, quanto loba. Na cozinha, havia massa de pão para assar, na sala, castanhas para beliscar e um vinho desarrolhado estava respirando; logo percebi que eu também estava.

Porém, como eu disse antes, algo não entendi. No *computador*, aquele dia, as *páginas* ficaram em *branco*.⁵ Os artigos, os livros, os documentários, lidos e remexidos, todos estavam comigo. A vontade de escrever eu sentia. Então de repente, escrevia. Depois apagava. Um pouquinho, umas letrinhas, depois tudo. Então fazia outras frases. Desfazia, visto que no computador fica fácil desfazer, basta clicar um botão e *PUFT*. Comecei a me sentir um tanto bloqueado. O que me deixava trancado eu não sabia o que era, mas virava desculpa para eu também me desfazer, trocar de atividade, ver um filme, cozinhar...

Agora escrevo. Esse exercício está engatinhando de novo. Afinal, não estou sozinho. Nos autores clássicos e suas cartas vi beleza; em mentes mais humanas e transformadoras li ensaios; nas ricas fontes e em sua diversidade, absorvi referencial teórico e prático (afinal sou amante da Educação

⁵ As dúvidas, os impasses, as noites mal dormidas, as páginas em branco na tela do computador ficam para trás compondo uma memória que se quer esquecida ou uma ferida que se quer cicatrizada ou uma espécie de diário de “erros” superados (Machado, 2004, p.147).

Física) de produção de conhecimento de mil saberes; e na escrita da vida percebi uma *multiplicidade de Eus* que se ensaiam.

Posso dizer que se houve um elemento X em meu bloqueio escritural, foi o que chamo de multiplicidade de Eus. O eu me dividia em dois: o *eu* e o *eu também*. O *eu* era minha pessoa, o sujeito do trabalho, o narrador. O *eu também* era o produto de minhas conversas com Dani em suas pesquisas e invenções; com o eu estudante de Educação Física, em busca de conhecimento sobre o próprio corpo; com Bilibio, meu orientador, que se conectou com o meu mundo, com o meu jeito de viver; e até o produto de conversas mentais com diversos autores/escritores; produzindo um novo sujeito a cada diálogo. Um Eu aberto a renovações constantes e que, diante da tarefa de escrever, acaba por fragmentar-se na multiplicidade de Eus. Narrando assim, a sua voz e outras vozes que pertencem a tal temática. Narrando um *eu*, que não é só eu, que somos nós, que é tu, que são vocês. Narrando *eu* e *eu também*.

Foi ensaiando uma, duas, três, inúmeras vezes e inúmeras escritas que superei o bloqueio, as páginas em branco, *as noites mal dormidas*⁶. Me agarrei a uma *ação-método rebelde*⁷ para transgredir toda minha teimosia de narrar esses acontecimentos. Contar um pouco dos desafios e das superações que fizeram parte do meu caminho, não como memória que quer ser esquecida⁸, e sim como construção para um ensaio que habita *terrenos confusos* e neles acha *seu alimento e sua mobilidade*.⁹ Narrar sobre os centros urbanos e também sobre um estilo de vida que busca sua própria mobilidade e seu alimento orgânico.

⁶ Machado, 2004, p.147.

⁷ Amorim, 2014, p.12.

⁸ Machado, 2004, p.147.

⁹ Amorim, 2014, p.15.

Contudo, faço uma pausa para contar uma cena inédita que está acontecendo aqui e agora. Não havia visto ainda tamanha consideração por parte da Educação Física para com o Estilo de Vida Orgânico. Explico o porquê. Essas duas parcerias minhas (o estilo de vida orgânico e a Educação Física), sempre andaram juntas. Ao longo de minha jornada universitária, as duas sempre se deram bem e caminharam uma ao lado da outra; uma formando a outra. Mesmo assim, na ESEF - minha Escola de Educação Física - era o Estilo de Vida Orgânico que, geralmente, preferia se ausentar e deixar a Educação Física mais à vontade para falar, debater e se expor. Mas a atuação inesperada veio por parte da Educação Física. Esta, apesar de sua maior experiência e diante deste meu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura, cedeu lugar para o Estilo de Vida Orgânico falar, debater e se expor. A Educação Física se diz consciente de sua decisão e anuncia sua ausência para compensar os seis anos de curso em que o Estilo de Vida Orgânico quis falar, mas precisou calar.

Dizendo de outra maneira, é neste ensaio que farei o eu - estudante de educação física - conversar com o eu que ensaia seu estilo de vida orgânico. Entretanto, como nos últimos anos em meus movimentos de estudo da educação física o orgânico pouco se fez presente, agora é chegada a hora de ousadamente privilegiar minha pesquisinvenção de um estilo de caminhar orgânico. Preciso primeiro manifestar este caminhar, compartilhar minhas pesquisas e invenções inusitadas para, somente depois, ao final do ensaio, efetivamente realizar o movimento de integrar a educação física ao estilo de vida orgânico.

Neste estilo de caminhar orgânico, percebi que o ensaio sempre se fez presente, tanto na maneira de viver, quanto na maneira de escrever. Conhecia o ensaio por viver 8 anos como dançarino amador. Também estava familiarizado com este exercício escritural, pois em minha viagem a Israel, filosofei, com caneta e papel, em 5 diários. Diários repletos de vivências e pensamento. Diários que, por descuido, perdi

todos. Tento imaginar a cena de um israelense, dotado de português, que encontrou algum dos diários e começa a folhear rabiscos sobre o que eu pensava de minha existência. Sobre os vários momentos dos quais eu me via ora *forte*, ora *precário*. Ensaio a *auto-ironia existencial*¹⁰ que eu sentia na época *gipsy* de minhas viagens. E agora, frente a mesma tarefa, porém um pouco mais experiente, na posição de acadêmico e futuro professor de Educação Física.

Resgato aqui algumas lembranças passadas e algumas recordações que guardo com muito carinho e amor. Grandes aliadas para fazer (se) ensaio e minhas ferramentas preferidas para a *escrita apaixonada*¹¹. Essa escrita onde o autor atinge sua *potência*, irradiando ideias e gerando *transformação*¹² a quem lê. Pois escrever com paixão é para quem vive apaixonado; para quem ousa experimentar; para quem desfruta do momento; para quem está aberto para provar e se surpreender com os acontecimentos e com as sutilezas da vida. Alguém capaz de agarrar com força aquele instante e colocar de forma gentil na memória para depois no papel. Quem escreve com amor é aquele que não *cala seus desejos*¹³.

Justamente, a escolha do ensaio é pelo modo de sua escrita. Mais uma vez algo que soa romântico, porém ele é o método que mais aproxima a escrita da vida. Ele capta a maneira que o autor age, se move, respira... Ele é um tipo de espelho ao autor. Superfície onde este, diante de si mesmo, pode perceber ora sua confusão, ora seu valor. Ele permite traspor sentimentos-pensamentos. Ele caminha, corre, para, salta. Ele está sempre em movimento. Por isso, trago a experiência ensaística como escolha consciente para essa

¹⁰ O ensaio aparece com o eu, com o sujeito, com o sujeito moderno, mas não em sua força, em seu orgulho, mas em sua precariedade, em sua relatividade, em sua contingência. Daí a auto-ironia existencial, a relativização constante do eu, a rejeição permanente ao que poderíamos chamar, com Adorno, a coação da identidade. Poderíamos dizer que o ensaio participa de um dos princípios estruturantes do pensamento moderno: o sujeito como lugar e fundamento da verdade. (Larrosa, 2004, p.36).

¹¹ Machado, 2004, p.147.

¹² Ibidem, p.147.

¹³ Amorim, 2004, p.12.

carta. Convicto que se quero falar sobre estilo de vida, preciso de um estilo de escrita. Convicto, também, que a questão não é *precisar* do uso do ensaio, mas ser o ensaio. O assunto dessa carta e o modo com que este vai ser apresentado estão conectados. Não quero desfazer esse laço, ausentar-me, tirar a essência, virar robô. Se vou dizer como vivo, vou escrever como escrevo.

Irei narrar na primeira pessoa, sem me acanhar ao redigir o pronome pessoal eu. Se, por um lado, não tenho medo deste uso, por outro, busco ter o cuidado devido para escapar de uma carta marcada por um sujeito que só pensa e desenvolve ele mesmo; só sabe falar de si. Um ditador de sua verdade em um monólogo *narcisista* e *moralista*.¹⁴ Alguém que não prestou atenção que possui dois ouvidos e apenas uma boca.

Faço da operação ensaio, parte de minha estratégia textual, para que a *escrita* e o *pensamento* estabeleçam a devida relação com a *primeira pessoa*¹⁵. Uma primeira pessoa que não tem a pretensão de, necessariamente, ser o *tema*¹⁶, mas sim *tirar algo de si* e *fazer algo consigo mesmo*.¹⁷ Uma pessoa que traz à mesa o pensamento e a escrita para problematizá-los e reproblematicar a si mesmo. Uma pessoa que, com certeza, não é a primeira a pesquisar e a inventar outro mundo, outro modo de viver e outro modo de se vestir. Alguém que *pesquisinventa*¹⁸ e ensaia dor e amor.

¹⁴ Alguns de vocês devem estar temendo um exercício retrospectivo de caráter marcadamente senil e, portanto, tão narcisista como carente de interesse, em relação a saber como chegamos a ser o que somos ou, o que seria ainda pior, um discurso de caráter marcadamente moralista – logo, insuportável –, sobre a fidelidade ou a traição aos nossos propósitos da juventude (Larrosa, 2004, p.29).

¹⁵ Larrosa, 2004, p.36.

¹⁶ (...) a primeira pessoa não está presente necessariamente como “tema”, mas como ponto de vista, como olhar, como posição discursiva, como posição pensante (Larrosa, 2004, p.36).

¹⁷ O ensaísta, necessariamente, não põe a si mesmo em sua escrita, em sua linguagem ou em seu pensamento, mas, sem dúvida, tira algo de si e, acima de tudo, faz algo consigo mesmo escrevendo, pensando, ensaiando (Larrosa, 2004, p.37).

¹⁸ Era preciso desenhar uma metodologia para poder pesquisinventar, e esta pode ser o ter potência no ensaiar-se (Amorim, 2014, p.36).

Aqui na cidade, no meu atual *mundo*, me ponho como cobaia de minha própria pesquisinvenção. Um desafio constante, visto que me propus a andar com tranquilidade num meio que exige velocidade. Tento, diante de tantas críticas e dos olhares de esguelha, atravessar as ruas de Porto Alegre sempre cuidando os dois lados. Não me dou ao luxo de descuidar o que realmente é importante, então, de mãos dadas, seguro, ao meu lado direito, o ritmo desequilibrado do sistema capitalista. E, do meu lado esquerdo, agarro com força a Cultura Orgânica.

Porém, sou experiência viva. Se meu caminho fosse uma constante linha reta e eu tivesse a disciplina de andar sempre de mãos dadas, não ensaiaria. Se eu pudesse expressar algo objetivo e real, tão palpável que seria dispensável de imaginação, também não ensaiaria. Se eu não usasse, ao redigir esta carta, tantos *se's* e se não fosse um jeito de criar universos possíveis, então definitivamente não ensaiaria e não haveria ensaio. Penso que, tanto o comportamento estável, quanto a atividade científica de isolar elementos unitários do homem e do seu mundo, não trazem a *verdade* que *reside na subjetividade*¹⁹.

Uma subjetividade que se torna verdadeira no momento de ensaiar-se. Por isso a tarefa do ensaísta de expressar o ambiente em que vive e sua posição como ponto de vista. No caso, contar um pouco da cidade e a dificuldade que ela tem de dar conta das necessidades do estilo de vida orgânico. Penso que o *exagero da objetividade* é um *modo errôneo*²⁰ no qual o homem anda estabelecendo relações com ele mesmo, com sua comunidade e com a natureza. Por isso, de forma subjetiva, ensaio este novo mundo da cultura que sustenta o orgânico como fundamental para o bem estar. Veja bem, não quero provar e nem

¹⁹ Martins, 1983, p.19.

²⁰ Ibidem, p.19.

mensurar o quanto o viver organicamente *é bom e ressaltar*, logo mais, que *ele é ótimo*²¹. Não.

O desafio reside, não só em pesquisinventar um método, mas também em pesquisinventar uma vivencia. Desenvolver um tipo de assunto-problema que necessita ser debatido. Trago a mim mesmo como exemplo de pessoa que opta por criar novos caminhos possíveis e autênticos. Para assim pesquisar e inventar uma metodologia que desenhe, nestes novos horizontes, oportunidades para ensaiar e ensaiar-se. Aqui e agora, estabelecendo uma relação temporal com o presente. Por isso, relato um pouco sobre um passado conectado com o presente. Uma *outra vida* que ainda continua neste ensaio.

TEMPOS DO ENSAIO

Em 2012, iniciei uma viagem que muito envolveu o ensaiar, mas até então, não havia me dado conta. Ingressei em Israel sem saber o que estava por vir, mas notei que depois desta experiência, minha relação com o tempo se alterou. Sei que mudei também. O cabelo eu não cortei mais; nas orelhas os brincos pesados; minhas roupas carregavam as cores do arco-íris; e no meu modo de conversar, a calma de quem encontra tempo para ouvir, refletir e falar. Um tempo necessário para uma boa conversa que foge as desculpas do *não ter tempo*.

Mudanças que tiveram sua importância para desenvolver minha própria filosofia temporal. Não importa se era nos verdes da montanha ou no laranja do deserto; as noites daquele ano foram marcadas por natureza, música e fogueiras. Formávamos uma família hippie, gipsy ou nômade. Não sei ao certo como chamar, porém a filosofia que pairava no ar era: curtir o momento; estar no Presente; conectado com o que está

²¹ – X é bom para todas as pessoas. Todas as pessoas deveriam fazer X. Fulano em seu livro “Os benefícios do X”, fala que X é bom. Beltrano escreve que X é ótimo. Cicrano concorda com os autores anteriores realçando que X é maravilhoso. Deste modo, concluímos em nosso trabalho que X é muito bom mesmo (Bilibio e Damico, 2011, p.94).

acontecendo. Alguns falavam que o passado não importava; outros falavam do que há de acontecer no futuro; surgiam considerações sobre o tempo e a banalização de sua contagem no relógio; e também, afirmações que o tempo é nosso. E por aí vai. Algo tão excêntrico quanto às pessoas que ali estavam; diálogos que possibilitaram uma *filosofia de reaprender a ver o mundo*²².

Resgatei essa passagem, pois quero exprimir algumas ideias sobre nossa presença no tempo presente. Essa forma de viver o presente era nossa *morada contingente e provisória*²³. Um presente do qual estávamos conscientes de nossa fugacidade, mas mesmo assim, nós tomamos a liberdade de desenhar um perfil, uma forma, uma experiência. O ensaio faz algo parecido. Ele não trata do *presente como realidade, mas como experiência*²⁴.

Experiência da qual lembro bem e percebo alguns traços em mim. Algo que trouxe uma discussão interior muito forte e desenvolveu certa *distância entre eu e eu mesmo*²⁵. Essa distância me favoreceu a enxergar o quanto nós somos educados a viver num tempo *produzido, artificial e arbitrário*. Não foi só sobre o tempo que refleti nessa viagem a Israel em 2012. Viajando, fiz uma pausa nos saberes organizados em currículo da Educação Física e me aproximei de outras coisas. Por isso não foi só o tempo produzido e o grande centro urbano que passei a olhar de forma diferente, isso também ocorreu com a Educação Física. Foi a partir dessa distância que se criou entre, o eu antes de viajar e o eu pós-viagem, que me vi obrigado a *estranhar* um ritmo antes *familiar*, e *distanciar-me*

²² Amorim, 2004, p.13.

²³ Larrosa, 2004, p.33.

²⁴ Larrosa, 2004, p.34.

²⁵ Sempre se trata de criar uma distância entre nós e nós mesmos. Sempre se trata de desconjuntar o presente, de desnaturalizar o presente, de estranhar o presente, de converter o presente, não em um tema, mas em um problema (Larrosa, 2004, p.34).

deste que esteve aqui, sempre tão *próximo*²⁶. Um ritmo que atropela o ser humano, criado pelo próprio ser humano.

Digo que esteve sempre tão próximo, pois foi a partir da distância que criei com as cidades, que realmente percebi suas marcas em mim. Esse ritmo, essa pressa, esse jeito de lidar com as coisas. Era a própria cidade que ainda estava em mim, mesmo eu vivendo longe; mesmo eu ensaiando outra vida. Antes de descobrir o estilo de vida orgânico, buscava uma limpeza no corpo e na mente nas paisagens da natureza. Algo próximo ao que ando buscando atualmente. Contudo, antes de falar dessa forma orgânica que tento viver nos dias de hoje, pretendo abordar o meio urbano e algumas faces do chamado desenvolvimento humano e seu processo civilizatório.

Para tanto, dedico algumas páginas para desenvolver uma perspectiva sobre passos que marcaram a evolução da natureza do homem; da relação dele com ele mesmo e dele com o meio. Nos rastros de pegadas antigas tento estabelecer uma relação com o caminhar atual. Tento também como *ensaísta* que adota a *máscara do historiador*, abordar *não a verdade de nosso passado, mas o passado de nossas verdades; não a verdade do que fomos, mas a história do que somos, daquilo que, talvez, já estamos deixando de ser.*²⁷

²⁶ (...) e fazer com que percebamos quão artificial, arbitrário e produzido é o que nos parece dado, necessário ou natural, de mostrar a estranheza daquilo que nos é mais familiar, a distância do que nos é mais próximo (Larrosa, 2004, p.34).

²⁷ Larrosa, 2004, p.8.

EVOLUÇÕES DE NATUREZA HUMANA

Peço algo de paciência, uma disponibilidade para o estranho, pois vou falar um pouco de *formigas*. Trata-se novamente do meu jeito de integrar as coisas, de ensaiar a vida: olhando o sutil inusitado da natureza. Ao analisar as formigas²⁸, surgem pensamentos que me despertam certa curiosidade. Estes seres pequeninos fazem uma trilha, todas unida por um objetivo: a busca pelo alimento. Um coletivo muito forte, em que operárias de todos os tamanhos carregam alimentos 10 vezes maiores que seu corpo e trocam informações entre elas, buscando manter a funcionalidade do formigueiro. Porém quando olhamos uma única formiga em separado, ela nos parece tonta, meio perdida e caminhando desorientada. Me coloco a escrever sobre as formigas pois é assim que me sinto as vezes, meio tonto, meio perdido.

Porém, diferentemente do pouco que analisei formigas em minha vida, não é quando estou sozinho que sinto isso. Mas é diante do “mar de gente”, do “formigueiro de pessoas” no centro de uma grande cidade que não encontro o meu caminho. Por mais que todas as outras “formigas humanas” passem seus dias durante quase todos os anos de suas vidas, seguindo uma trilha – simbolicamente – demarcada e segura, correndo para seus trabalhos e afazeres, sozinhos em seus carros de vidros escuros carregando pesos grotescos de estresses da vida urbana; eu não consigo interagir com este ciclo sem me sentir perdido. Não consigo fazer parte de algo que transforma a vida em rotina. Não encontro nesta forma de viver, um tipo de saúde, um tipo de vida que me parece mais potente e natural. Um estilo de vida orgânico. Uma *physis*.

A ideia de *physis* é muita antiga; estava lá no berço da civilização ocidental. Múltiplos sentidos integrados. *Physis*

²⁸ Seres vivos que formam níveis avançados de sociedade e que se adaptam facilmente as mudanças em seu meio.

enquanto físico, movimento irmanado entre os seres, interligação de elementos e dimensões, corpo humano como vir a ser; corpo humano enquanto carne do mundo²⁹. A *physis* na Grécia antiga indicava em viver em sintonia com a natureza.

Mas por que perguntar se é possível levar a vida de forma mais natural dentro de um grande centro urbano? Por que falar sobre o formigueiro? Seria mesmo o centro urbano que cria barreiras em uma forma de viver em integração com a natureza? Por que problematizar o meio urbano no qual nascemos, aprendemos e convivemos? Entendo que para produzir sentidos a estas perguntas é necessário enxergar a cidade não só como mero espaço moderno, onde prédios, condomínios e casas foram construídos; espaço de moradia das populações. Percebo a cidade como uma produção, um resultado, uma síntese de um processo civilizatório do homem.

Nesta direção, preciso redigir um pouco sobre alguns períodos marcantes da humanidade. Formas de agir e pensar ao longo da história que parecem ter influenciado diretamente na nossa atual conjuntura social. Antes de tudo, resgatar um pouco sobre nossa *tradição ancestral*³⁰. Direcionar a atenção neste momento aos nossos antepassados para que possamos compreender um pouco melhor como chegamos nesta sociedade complexa dos dias de hoje.

Para tanto, adoto a máscara de *ensaísta radialista*. Tipo aquele de uma partida de futebol; alguém capaz de narrar em muito pouco tempo toda uma sequência de fatos. Penso que somente com este estilo é possível presentificar alguns lances marcantes da partida civilizatória. Uma estratégia que implica na decisão arbitrária de ocultar diferentes e importantes fatos e acontecimentos históricos, pela própria impossibilidade de fazer diferente. E começa o primeiro tempo...

²⁹ Márcia Silva, 2006, p. 28.

³⁰ Notzold, 2003. p.94.

Nem sempre foi assim. Fomos nômades antes de nos enraizarmos em cidades. Andarilhos a procura de lugares menos explorados. Coletores e caçadores do seu alimento. Tempos onde o homem percebia na refeição o seu bem mais valioso. Período da evolução humana chamado de selvageria.

Nos tempos da Barbárie, aprendemos com a escassez do alimento a cuidar do meio e não só usufruir dele. Este cuidado fez do homem agricultor e pastor. O solo fértil previamente escolhido próximo aos rios, provia o alimento e este seguia como uma das maiores riquezas necessárias. O homem cultivava a terra e quando produzia um pouco mais do que necessitava, armazenava o excedente ou utilizava-o como um *bem* de troca. Ao caracterizar o alimento como um bem é então introduzido o Mercado na sociedade.

Os andarilhos e agricultores tinham comportamentos muito interessantes. Havia uma conexão e preocupação com a natureza; as culturas indígenas preservam isto. Este cuidado era também um prazer³¹. Um sentido antigo da palavra agricultura estava preservado: cultivo do solo em latim. Desenvolver, cuidar, conservar a terra. Entretanto, o comércio de bens e mercadorias também se fez presente; a invenção e o uso da moeda no comércio substituem os antigos hábitos da permuta de produtos e serviços³².

Inicia a terceira etapa do processo evolutivo chamado Civilização, estágio tido mais avançado da sociedade humana. Agora a fixação ao solo era por meio da construção de cidades, um local de proteção que também servia para centralizar o comércio desenvolvido na época³³. Em cidades as sociedades foram se formando cada uma com seu “conjunto de ideias”, de costumes acumulados que as tornam únicas. Criaram-se culturas

³¹ Nada mais gostoso do que colher uma fruta madura da árvore e comer no mesmo instante.

³² Hoje em dia existem muitas redes virtuais de trocas de serviços e bens de consumo e empresas de gestão de permutas empresariais que tentam resgatar este formato de forma a complementar o sistema monetário vigente.

³³ Tempos do Mercantilismo, início do século XV.

mais complexas, onde acervos científicos e artísticos próprios foram desenvolvidos. A acumulação destes acervos se deu fundamentalmente nos grandes centros urbanos.

Ao mesmo tempo, neste *conjunto de mudanças de ordem política e econômica*, onde a sociedade emergiu de um mundo feudal³⁴ - que valia-se de uma *explícita desigualdade entre os homens* - caminhamos para a *defesa do direito a igualdade e à liberdade (mesmo que formais)* do capitalismo³⁵. O ser humano muda de comportamento; houve o *desenvolvimento progressivo de um certo individualismo e aplicação de uma mentalidade racional e pragmática à organização social*³⁶. Uma transformação no caráter das sociedades, em que o alimento deixou de ser o bem mais valioso para virar produto. Com o passar dos séculos, o que nos períodos anteriores era essencial, passou a ser industrializado e produzido em alta escala. O cuidado com o solo passou a ser diferente.

Neste processo civilizatório da vida em cidades³⁷, a população foi dividida em classes sociais. As mudanças na estrutura da cidade estão intimamente ligadas as *invenções modernas*³⁸ desenvolvidas pela sociedade, ocasionando um jeito mais complexo de viver. Como resultado da massiva urbanização destes centros, as funções que inicialmente eram voltadas ao comércio e distribuição de mercadorias foram alteradas em função da presença das indústrias.

Para contemplar o recebimento das fábricas foram projetadas vias, sistemas de energia integrados e construído conjuntos habitacionais para alojar estes novos trabalhadores:

³⁴ Feudalismo: Organização social e política, iniciada no século IV a partir das invasões bárbaras.

³⁵ O capitalismo pode ser entendido, genericamente, como um regime de produção, distribuição e apropriação da riqueza material, cujo movimento se autodetermina segundo leis gerais da acumulação de capital. Como tal, implica a configuração de relações sociais específicas, baseadas na divisão da sociedade em classes antagônicas e na competição legal pelo poder econômico no âmbito dos mercados. (Prони, 1997, p.4).

³⁶ Ibidem, p.4.

³⁷ Do latim *civita* que designa *cidade* e *civile* (civil) o seu habitante.

³⁸ Maia, 2002, p.20.

*eram as famosas vilas operárias.*³⁹ Resultado: mais pessoas necessitando de infraestrutura e serviços, acarretando, moradias insalubres, *favelização e ocupação de áreas de risco*⁴⁰.

O homem passa agora a ser exigido pela indústria para executar tarefas mecanicamente repetitivas. Ele troca seu espaço físico do lar pela fábrica. O uso do relógio disciplina e também quantifica as horas trabalhadas. A partir de 1840 a Revolução Industrial entrou em seu segundo período; as máquinas *substituem a mão-de-obra humana* no campo, *deixando milhares de famílias desempregadas*. Por consequência da industrialização e favorecimento a Economia, esta revolução tecnológica desencadeou o êxodo rural: *uma intensa migração populacional rural-urbana*⁴¹. Com a chamada terceira fase da revolução industrial, o próprio emprego na cidade também é colocado em cheque.

Como havia advertido anteriormente, os radialistas sempre deixam escapar muitas e muitas coisas importantes. Contudo, busquei destacar que a evolução do homem acontece a partir de um conjunto de fatores. Explícitei apenas alguns que me parecem estratégicos a este ensaio. O modo em que a humanidade foi desenvolvendo seu estilo de vida relaciona-se com a sua cultura e a criação de necessidades e interesses. Muitos anos se passaram depois que a indústria entrou na vida do homem. Contudo acho importante destacar alguns pontos que ocorrem principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e que se relacionam com a alimentação. É a partir daí que a humanidade se viu com dois problemas: o que fazer *com os estoques de produtos e armas químicas*⁴², e com a enorme quantidade de indústrias bélicas que restaram no pós-guerra?

³⁹ Maia, 2002, p.20.

⁴⁰ Ibidem, 2002, p.20.

⁴¹ Ibidem, 2002, p.22.

⁴² Folgado, 2014, p.6.

NOVAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS

O “aprimoramento” de tecnologias nesta época transformou *tanques em tratores, colheitadeiras e outros maquinários, e as armas químicas são transformadas em agrotóxicos*⁴³. Esta invenção e disseminação de novas práticas agrícolas foi – ironicamente – denominada na época como Revolução Verde. Foi aqui que se iniciou a agricultura intensiva. O uso de fertilizantes químicos e a produção em massa prometia resolver a fome em todo o planeta. Para garantir a implantação desse novo modelo foram criadas organizações internacionais, que pressionavam através de propagandas, os principais países agrícolas para que adotassem a monocultura e o pacote tecnológico da tal Revolução Verde.

Foi difundida Uma ideologia, propondo um único caminho possível para o desenvolvimento da humanidade: a *agricultura científica globalizada*⁴⁴. As diversas plantações que antes se equilibravam com o meio, respeitando a sazonalidade do alimento, foram transformadas em latifúndios, que abrigavam apenas um tipo de plantio. Os cultivos deveriam ocorrer com a utilização dos agrotóxicos; denominados aqui no Brasil como defensivos agrícolas. Este processo trouxe um *elevado custo ambiental*⁴⁵; empobrecimento do solo; perda da biodiversidade; prejuízos a saúde do agricultor. O alimento que antes era orgânico passou a ser alimento químico. O artifício químico além de ser introduzido no campo entrou também na cidade, agora industrializada. Tornou-se importante na produção de matéria prima sintética, que tentava dar conta das necessidades do sujeito urbano. Uma vida cheia de necessidades, onde o valor não era mais só o alimento, mas também a rotina diária de trabalho, o transporte, lazer e assuntos familiares. Uma modernidade que colhia novos frutos com consequências pouco conhecidas.

⁴³ Folgado, 2014, p.6.

⁴⁴ Kato, 2012, p.1.

⁴⁵ Ibidem, p.1.

Em resposta ao uso dos agroquímicos, nasce uma agricultura que segue a *lógica em que a natureza mostra o caminho*⁴⁶. Nos anos 1970 surge a agricultura orgânica e a agroecologia. Ciências integradoras que preservam o equilíbrio de nutrientes do solo, plantas, água e animais. Estratégias que continuam a retirar o *alimento da terra, mas sem esgotar os recursos naturais* e tampouco comprometer a saúde do trabalhador do campo (e da cidade). Um conhecimento embasado em saberes populares e tradicionais como, por exemplo, guardar e compartilhar a semente crioula. Estas ciências, que diferentemente da agricultura química buscavam resgatar a interação equilibrada entre Homem e Natureza, foram chamadas - novamente de forma irônica - de agriculturas alternativas.

Mesmo assim o sistema vigente dava continuidade a uma produção de alimentos quimicamente manipulados como padrão de agricultura. Em sequência a biotecnologia, que estava sendo estudada e testada em laboratórios, deu origem aos *OGM* (Organismos Geneticamente Modificados) e aos *transgênicos*⁴⁷. Das modificações genéticas advém as sementes híbridas, permitindo as transnacionais controlarem a agricultura mundial e patentearem estas sementes. Através da criação de um sistema global de alimentos, estas corporações proliferaram seus produtos. Os agricultores então compraram um *sonho: de maior produtividade, mais dinheiro e menos trabalho*. Mas, tudo indica que eles tinham comprado um *sistema: menos sustentável, mais caro e, a longo prazo, lesivo a sobrevivência*.⁴⁸

No campo científico, a Agricultura Química sofreu fortes críticas. Agrônomos ressaltaram - e ressaltam até hoje - que esta prática gera degradação do solo, trazendo consequências graves como erosão, contaminação, desertificação e

⁴⁶ Kato, 2012, p.40.

⁴⁷ Transferência de um gene de um organismo de determinada espécie para outra (...) Se o organismo alvo for modificado geneticamente por um ou mais genes provenientes de um organismo da mesma espécie do organismo alvo, este será considerado Organismo Geneticamente Modificado (OGM). (Souza, 2009, p.14).

⁴⁸ Seeds..., 2012, min.9:47-10:44.

empobrecimento do solo, como já foi citado. O plantio único⁴⁹ trouxe a produção em larga escala tanto de alimentos como de doenças. A agricultura convencional torna-se uma atividade de risco e insalubre. De certa maneira, esta chamada modernização da agricultura está ligada a perspectivas hegemônicas de uma sociedade organizada em torno do capital financeiro. A história da *humanidade* se mostra *cíclica*, onde a civilização que tem posse das *técnicas ainda "desconhecidas"*, retorna com *outros personagens*⁵⁰ e alcançam o *domínio da humanidade*⁵¹.

A CIDADE, OS ESTRANGEIROS E SEUS ESTILOS DE VIDA

Aprimoramento de técnicas e intervenções científicas no campo. A Transformação de armas químicas em agrotóxicos. Estes e outros fatores não estariam distanciando a natureza humana da natureza em geral? Não se trataria de um desenvolvimento desordenado? Provavelmente esta configuração de desenvolvimento não ocorre só no campo, mas também nos grandes centros urbanos. As cidades estabelecem uma relação muito estranha com a natureza em geral. Ocupando cerca de 2% da superfície terrestre, consomem em torno de 75% dos recursos naturais do planeta⁵².

De certa maneira, a cidade representa o símbolo máximo do mundo civilizado. Atualmente estas superestruturas exigem um grande volume de materiais, água e energia que se tornaram fundamentais para o seu funcionamento, executando uma pressão enorme sobre o ambiente. De certa maneira, a cidade ameaça o fora e o fora parece ameaçar a cidade.

⁴⁹ Monocultura.

⁵⁰ Por exemplo: as diversas guerras entre etnias e ideologias diferentes, como em Kosovo; crimes cometidos contra albaneses em "defesa da paz", no Iraque; o assassinato de vários curdos, na África, assim como em Ruanda e Serra Leoa; entre outras agressões – a grande maioria com características autocráticas, com um nacionalismo exacerbado, não sob o formato apenas de nação, mas também ligado à ideologia de grupos (Lima, 2010, p.3).

⁵¹ Maia, 2002, p.14.

⁵² Waldman, 2009.

Desde o início do desenvolvimento da cidade a sua preocupação era, por meio da construção de fronteiras, nos proteger dos perigos externos – que poderiam ser desde a invasão de outros povos, até a enchentes. A cidade passou a ser um local de proteção. A consciência destas fronteiras juntamente com a preocupação com a segurança levou ao surgimento de diferenças entre o que estava dentro desses limites e o que vinha de fora, o estranho. Dizendo de outra maneira, as pessoas criaram a obsessão de demarcar mais e mais fronteiras para protegê-las do *mundo selvagem, de forças externas que poderiam atingi-las*⁵³, criando assim, um distanciamento e estranheza para com o que está do outro lado do muro. Uma preocupação com segurança na qual, cada vez mais, a diferença passou a representar perigo e, deste modo, ocorrendo medo e insegurança na cidade. Viver de maneira integrada a natureza seria um tipo de existência estranha às grandes cidades?

Paralelamente, o mercado mundial dá início a chamada *globalização*⁵⁴. A rápida modernização da terceira fase da revolução industrial, e o chamado mundo do livre comércio, acabam por produzir também uma massa de *peessoas supérfluas*⁵⁵. Um significativo contingente de trabalhadores que perderam seus meios de sustento. Os centros urbanos passam, de certa maneira, a ser depósitos dos problemas que a *globalização* não soube resolver.

Paradoxalmente, a cidade é um espaço de convivência, onde vivemos juntos com várias pessoas, uma diferente da outra. De alguma maneira, sempre esteve presente a possibilidade de a cidade ser um tipo de palco aberto para invenções, contato com o desconhecido, lugar ao qual o estrangeiro chegava para encontrar diversidade. A cidade ainda representa o palco das novidades. No entanto, este palco de novidades diante do zelo pela segurança faz com que as diferenças sejam percebidas como

⁵³ Bauman, 2009, p.76.

⁵⁴ Ibidem, p.58.

⁵⁵ Ibidem, p.78.

*estorvo*⁵⁶. A diferença como ameaça nos impede de agir de forma amigável ou até mesmo de aceitar os diversos estilos de vida que surgem nos centros urbanos e em suas margens. Fecham-se as cortinas para o diferente – o estrangeiro – em nome da falsa segurança que as fronteiras criam.

Criamos uma tensão no nosso modo de viver. Desejamos um *lugarzinho suficientemente confortável*⁵⁷ que possa ser proteção contra as forças externas que andam nas ruas. Esse transitar de pessoas excêntricas, diferentes e estrangeiras, que antes eram vistas como nossa própria diversidade, agora aparecem como *penetras não convidados*⁵⁸. Isso mesmo, convidados surpresas os quais não sabemos como lidar e respondemos nos encavernando em nosso lugarzinho acolhedor e seguro. Porém a tensão não desaparece. Suspeito que o estilo de vida orgânico seja um destes penetras.

⁵⁶ Ibidem, p.76.

⁵⁷ Ibidem, p.76.

⁵⁸ Bauman, 2009, p.77.

ESTILO DE VIDA ORGÂNICO

Chegou a hora de apresentar esse estilo de viver tão comentado. Desde já, quero deixar claro que ele ainda está sem ponto final, isto é, *continua em via de fazer-se*⁵⁹. Porém sigo rumo a um palco para exhibir essa coreografia que tanto ensaiei e improvisei. Estou ciente que irei “dançar” Street Dance para um público acostumado ao Balé Clássico. Em outras palavras, falarei desse modo de vida do qual me aproximei, e este pode vir a trazer estranhezas para quem está inserido no meio urbano. Porém é assim que vivo, apresentando ensaios e penetrando festas.

Este estilo surgiu da minha união com a Dani. Decidimos prestar menos atenção aos padrões de comportamento já estabelecidos e criar o nosso próprio estilo de viver; dando mais atenção as nossas necessidades. Mas não foi de repente que radicalizamos nossas vidas. Foi semeando um pensamento que brotou um *hábito*, e fez florescer um *caráter*; logo descobrimos uma maneira de construí-lo e chegamos a um *destino*⁶⁰.

Iniciei a busca por um estilo de vida orgânico. Mas eu não podia sair precipitadamente inserindo padrões de comportamento em meu dia-a-dia. E sim, enfrentar etapa por etapa dos acontecimentos da vida. Um degrau de cada vez. Assim como um bebê que primeiro engatinha para depois dar os primeiros passos, se fez necessário questionar as atitudes que eu tinha para cada acontecimento que surgia.

Nasceram então, questionamentos obscuros e profundos, que não se faziam presentes nas preocupações de um *Ser-urbano-típico*. Ser-urbano que fragmentou o seu tempo em acordar; trabalhar; ter prazer; ser sustentável; tomar banho; devorar uma comida; e descansar o corpo para um dia igual ao outro.

⁵⁹ Amorim, 2004, p.11.

⁶⁰ Claret, 1999, p.36.

Exaustivo, não? Contarei então, pausadamente estes questionamentos que me surgiram, para me fazer entendido. Surgiram perguntas do tipo:

- ✓ Como comer alimentos colhidos por pessoas que cuidaram da terra? Já que eu iria deixar de me alimentar de produtos extraídos mecanicamente de um solo viciado em químicos.
- ✓ Como se locomover de uma forma que ao mesmo tempo exercite o corpo, relaxe a mente, alimente a alma e respeite a natureza? Porque eu não iria mais encarar um engarrafamento de carros, *tedioso*, que poluem o meio ambiente.
- ✓ Como manter a minha moradia saudável? Pois os lares insalubres da cidade grande não seriam mais o *meu lar*.
- ✓ Como adquirir conhecimento enriquecedor? Uma vez que possuía a consciência de uma sociedade com ideais manipulados.
- ✓ Como ter equilíbrio e perseverança neste caminhar da vida? Visto claramente que esta vida estava tão conturbada e complexa.

Complexo, complicado e multidimensional. Percebi que para cada indagação eu iria precisar não só de uma, mas de várias respostas. Então para não ficar temeroso em respondê-las, parei um momento. Respirei.

O caminho não seria fácil. Percebi que precisava transformar todas as minhas perguntas complexas em um único questionamento. Melhor, em um único fluxo de pensamento. Mas qual era a pergunta certa a se pensar? De súbito, chegou até mim questões que atravessaram durante milênios os diferentes povos. Quem somos? De onde viemos? E para onde vamos? Assim, beirando uma crise existencial, me apeguei ao que me era mais familiar. O *eu*. O eu existindo aqui e agora. Da forma mais simples, pura, essencial, e porque não dizer, ancestral.

Percebi também, que as perguntas não podiam atender apenas ao que eu queria; ao que eu desejava; ao que eu necessitava. Eu já havia compreendido que me apegar as necessidades do homem contemporâneo, não me completavam como Ser Integral, um ser da physis. O meu modo de viver tinha que abranger as diversas necessidades do meu *eu* e do *eu também*. Produzindo um novo individuo a cada questionamento. Um *eu* aberto a renovações constantes.

Então, o que era crucial na vida de todos seres humanos? Para o homem nômade da época da selvageria, para o homem civilizado dos dias de hoje, tanto quanto para o humano que ainda nem existia. *Meu Pai, mas é claro! O alimento*. Então foquei minha preocupação nele e assim brotou uma clareza. Precisava me atentar a minha atitude alimentar. Não só o ato de comer comida em si, mas a tudo que me alimenta como indivíduo, me nutri e me sustenta. Minha fonte de energia para viver. Precisava tratar este viver, a vida de forma geral, como um alimento. E se assim pensei, o alimento antes de crescer, se desenvolver e se reproduzir, nada mais é do que uma Semente, que se desenvolve um pouco a cada dia. Já não era mais um olhar apenas para a forma que vivemos, mas também para o ciclo da vida a que pertencemos; a physis me puxava!

Novos esclarecimentos foram surgindo. Como Ser Vivo que nasce, cresce e se reproduz eu também era uma Semente. E então entendi. É preciso nutrir e cuidar deste Eu Ser-Semente para que este se torne um Eu Ser-Alimento para a Vida. Um ser em atitude de interação com o meio. Um ser orgânico. Assim como o beija-flor que se alimenta do néctar e ao mesmo tempo poliniza; como as plantas que se alimentam dos nutrientes do solo e geram oxigênio; como os fungos que se alimentam da decomposição e reciclam nutrientes; eu também precisava aprender a me alimentar sem desequilibrar o ambiente natural. Nem que eu tivesse que pesquisinventar todo o meu estilo de vida padronizado da cidade grande.

Juntando as emoções do coração e a determinação do Ser, eu disse: não aos transgênicos e não aos agrotóxicos. Pesquisei nos livros e na internet, sobre estes alimentos duvidosos e inventei na cozinha experiências gastronômicas - sou grato pelos momentos que passei com minha família ao lado do fogão e pelos anos de trabalho no restaurante Joaquim Assador⁶¹; mais grato ainda pelos produtores agrícolas locais⁶² com seus produtos orgânicos e sua sapiência de ser. Conviver com a sazonalidade dos produtos ecológicos⁶³ - que não são apenas alimentos hortifrútiis, mas também, produtos de limpeza da casa e de higiene pessoal - ensina sobre o ritmo e os ciclos da Natureza, provocando criatividade para cuidar dos ciclos da casa e inspirando uma gastronomia a cada estação. Um tipo de configuração da corporeidade que quer sintonia na physis.

Quartas e sábados são os dias de feira orgânica em Porto Alegre, e estes têm me trazido, energia e felicidade para toda semana. Descobri, que existem muitas pessoas que vivem mais organicamente relacionadas com o meio; que pensam que os direitos humanos e os direitos da natureza são dois pesos da mesma dignidade; e estão dispostas a compartilhar experiências humanas da physis.

Este ensaio é um conjunto de visões, pensamentos e ideias minhas, de Dani e nossas pesquisinvenções, adquiridos ao longo da caminhada de um futuro educador físico e de uma arquiteta. Por isso distancio a possibilidade de estes pensamentos estarem aqui de forma prescritiva. Minha busca do viver bem, nada mais é do que a expressão do amor que tenho a vida. Da sensação de pertencimento a ela que sinto. Um sentimento de gratidão ao Universo por existir. Manifestação do amor por mim

⁶¹ Restaurante de minha família.

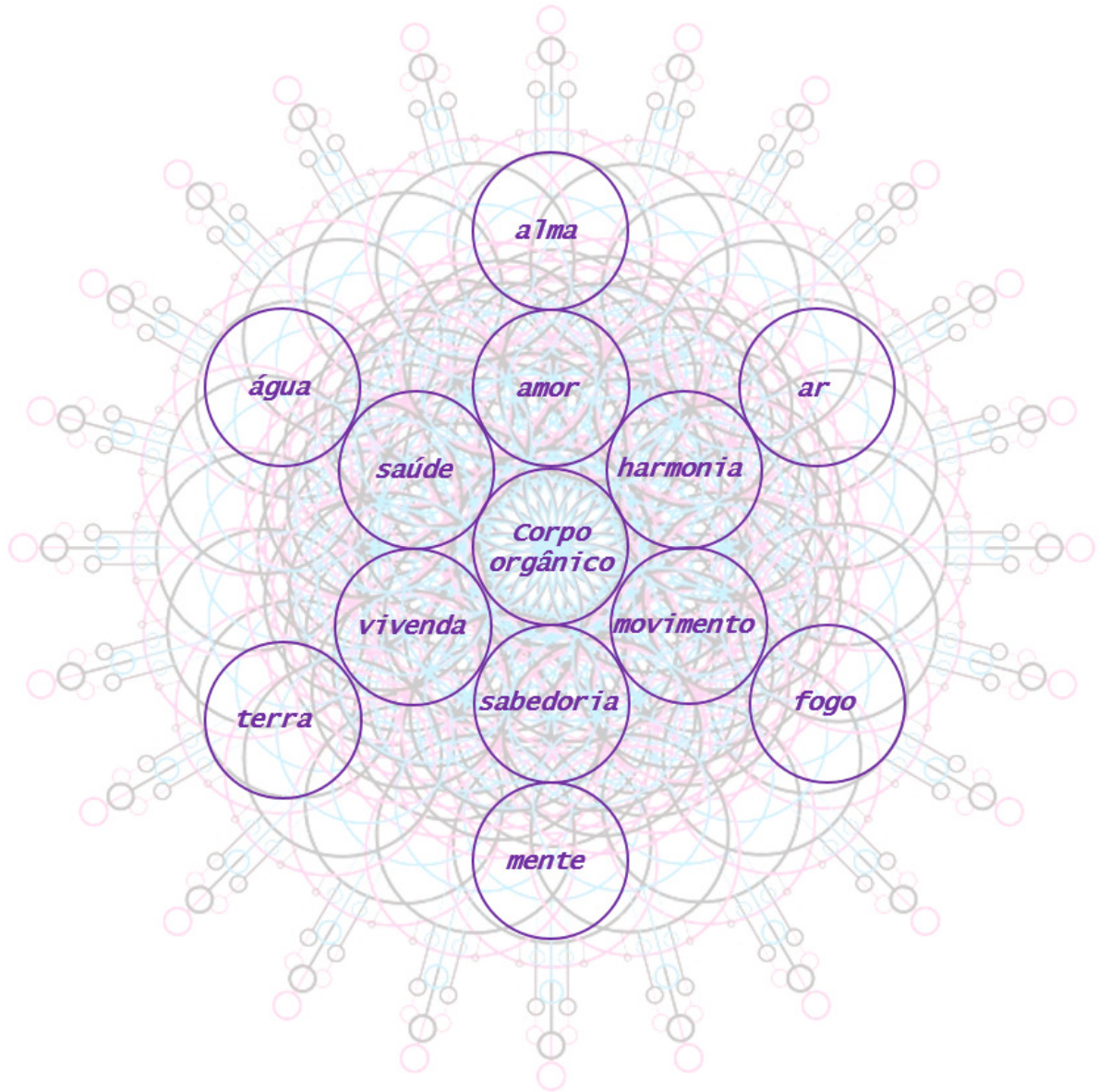
⁶² Movimento de pequenos agricultores que resultou na FAE - Feira dos Agricultores Ecológicos.

⁶³ Um produto no supermercado pode ser orgânico (livre de químicos), mas sua produção pode não estar necessariamente dentro de um sistema agropecuário sustentável (cultivo respeitando aspectos ambientais, sociais, culturais e econômicos), produtos da feira de agricultores são mais do que produtos orgânicos, são produtos ecológicos.

mesmo, família, amigos, nossas sementes e pela Terra. E pelo uivo de minhas duas lobas.

ORGANICOGRAMA OU DIAGRAMA DA PHYSIS

FIGURA 1 - ORGANICOGRAMA OU DIAGRAMA DA PHYSIS



Esta é a representação do estilo de vida orgânico que Dani e eu estamos pesquisando, porém agora já em cores, traços e desenhos. Chamo carinhosamente de *Organicograma* ou *Díagrama da Physis*. Ele foi criado a partir do símbolo geométrico sagrado conhecido como flor da vida⁶⁴, um conceito de expressão visual da vida, tecendo ligações através de todos os seres. Uma geometria natural, contendo um valor antigo, representando formas fundamentais de tempo e espaço. Dentro de cada círculo, peças essenciais. Faço com elas um exercício de vida, despondo de prática, paciência e prazer para nelas achar caminhos e construir a minha natureza; a minha physis. O corpo.

Corpo!
Saudemos o corpo.
Corpo dito/ Corpo interdito;
Corpo curso/ Corpo discurso;
Corpo festejado/ Corpo flagelado.
Corpo que existe, logo pensa.
Corpo que sente e fala.
Corpo que anuncia, denuncia, renuncia.
Corpo que insinua.
Corpo lugar/ polissêmico e polimorfo
Corpo! Nossa existência.
Corpo! Nossa referência.
Corpo onde tatuamos o sentido de nossas vidas.
Corpo humano/ Corpo cultura.
Corpo movimento/ Corpo vida.
*Corpo.*⁶⁵

⁶⁴ Cadeia infinita de círculos que formam uma teia harmoniosa dentro da qual emergem figuras geométricas. É possível encontrar a Flor da Vida em muitos templos, obras de arte e manuscritos de culturas antigas espalhados por diversas partes do mundo.

⁶⁵ Gaya, 2014, p.37.

Aqui está o meu corpo, minha vida. Busco incorporar, para dentro do meu ser, os elementos água, ar, terra e fogo; a conexão alma-corpo-mente; e os valores humanos como o amor, a harmonia, o movimento, a sabedoria, a vivenda e a saúde. Cada uma destas peças eu considero fundamental para cuidar do corpo. Para educar o físico. Portanto me questiono: Chegou a hora da educação física voltar em cena? Ser resgatada? Penso que sim, afinal, quando ouço a palavra corpo, imediatamente me vem à cabeça: Educação Física.

Penso que foi a minha *valorização* pelo *corpo* que despertou uma vontade de *valorizar a educação física*⁶⁶ e, quando entrei no universo acadêmico, a valorização da educação física conseqüentemente me faz valorizar mais o corpo. Porém, quando fiz minha viagem a Israel, acabei por trancar alguns semestres da faculdade e me distanciar da educação física. Estava eu valorizando menos o corpo? *De jeito nenhum.* Meu corpo agora era a minha vivenda e cada vez mais eu me aproximava das possibilidades de me colocar em busca de um caminho, por vontade própria. Fui descobrindo um apetite por me autoconhecer; por desenvolver a minha *physis* e assim percebi que, mesmo longe, eu não havia me distanciado da educação física, eu seguia me aproximando dela mas de outra maneira. Vivendo sua prática para além das dicotomias corpo e espírito, cultura e natureza, razão e emoção, eu e mundo⁶⁷.

Quando comprei minha passagem de volta a Porto Alegre, senti uma imensa vontade de concluir o curso de Licenciatura. Por mais que eu estivesse bastante diferente, minha perseverança nos estudos acadêmicos não havia mudado. Queria eu dar continuidade à educação física. Então me aproximei do significado das palavras *educação* e *físico*. Ambas as palavras de origem grega e derivavam respectivamente das palavras *Ex-Ducere* e *Physis*. *Ex-ducere*, indica a saída de um estado ou

⁶⁶ Gaya, 2014, p.48.

⁶⁷ Marcia Silva, 2006, p.28.

*condição para outro*⁶⁸. Transformar, mover-se, mudar, deslocar-se. Educação metamorfose. Educação que, quando entramos em sala de aula, somos um, educação que, quando saímos de sala de aula, somos outro. Educação como o vir a ser da *physis*.

Se por um lado, pensar na *physis* é pensar na complexidade, por outro lado, seu significado remete a natureza. Entretanto qual a natureza que ela se refere? A das plantas? Dos animais? Do ser humano? Da terra? Do ponto de vista dos gregos antigos, *physis* exprime *o todo existente, a totalidade do real, desde as coisas materiais ao mundo dos deuses*⁶⁹. Para quem arrisca relacionar *physis* com educação física, pode encontrar significado como *a maneira, o caminho e o modo pelo qual um indivíduo se mostraria; se revelaria; se relacionaria com o mundo e com as pessoas com quem convive, sendo por isso ou a partir disso identificado*⁷⁰. E para mim, ela *carrega as sensíveis vibrações interiores, porém o sensível não consegue contemplar a essência profunda das coisas; e aqui está o porquê de constituir aquilo que é essencial nas coisas, a sua razão de ser, aquilo que fundamenta e promove o existir*⁷¹.

Diversidade de conexões. Saberes; significados; temas; abordagens; sentimentos; pensamentos; mundos. E quantos mundos para se descobrir. Ensaio; *physis*; agricultura; estilo de vida orgânico; centros urbanos; flor da vida; educação física. Escrevi um pouco sobre essa diversidade. Escrevi outro pouco sobre esses vários mundos. Mas foi com muito amor e dedicação que escrevi o pouco que eu sou. Ou o muito do que já fui. Não escrevi aqui minhas certezas, bem pelo contrário, foi exprimindo minhas dúvidas que saiu uma escrita. Ensaio transgredindo em *ordem, caos e utopia*⁷². O ensaio de mim mesmo como experiência de criar, seja no estilo de vida orgânico; seja na educação física; seja nos grandes centros urbanos ou

⁶⁸ Filho, 1995, p.137.

⁶⁹ Koike, 1999, p.165.

⁷⁰ Filho, 1995, p.137.

⁷¹ Ibidem, p.169.

⁷² Gaya, 2014, p.16.

fora deles. Faço aqui um *esforço de recuperação do homem com a corporeidade. Uma corporeidade movente, falante e que sente*⁷³. Mas acima de tudo: *Que ama!*

⁷³ Santin, 1987, p.85.

INTERFERÊNCIAS

AMORIM, Alexandre S.L. **Corporeidades insurgentes**: Um ensaio sobre as (im)possibilidades da vida em um tempo de ciborgues. 2014. 67 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução: Eliana Aguiar. Jorge Zahar, 2009. 94p.

BILIBIO, Luiz. F. S.; DAMICO, José. G. S. **Carta a um jovem professor**. Cadernos de Formação RBCE, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 92-103, jul. 2011.

CLARET, Martin. **A essência da vontade**. São Paulo: Martin Claret, 1999. 128p.

FILHO, Dalton M. P. **Educação Física sim, por que não?** MOTRIZ, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 137-139, dez. 1995.

FOLGADO, Cleber A. R. **Agrotóxicos**: Um problema invisibilizado, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.contraosagrototoxicos.org/index.php/materiais/cartilhas/cartilha-agrotoxicos-um-problema-invisibilizado/download>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

GAYA, Adroaldo. **Educação Física: ordem, caos e utopia**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014. 278p.

KATO, Flávio. **Produção e consumo de insumos químicos no Brasil pela agricultura científica globalizada e princípios da agricultura**. 2012. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Geociências, Faculdade de Geografia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

KOIKE, Katsuzo. **Aspectos da physis grega**. Revista Perspectiva Filosófica, Florianópolis, v. VI, n. 12, p. 165-178, jul./dez. 1999.

LARROSA, Jorge. **A operação ensaio**: sobre o ensaiar e os ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2004.

LIMA, Jean C.; et al. **Por uma ruptura do processo cíclico da história**: uma leitura de "educação após Auschwitz", Ceará, 2010. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/193/172>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

MACHADO, Leila D. **O desafio ético da escrita**. Psicologia & Sociedade, Vitória, v. 16, n.1, p. 146-150, 2004.

MAIA, Ernani. **Os avanços tecnológicos e as cidades**. 2002. 122 f. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Cidade, Faculdade de Belas Artes, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2002.

MÁRCIA SILVA, Ana. A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: Soares, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. P.25-43

MARTINS, Joel. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983. 80 p.

NOTZOLD, Ana L. V. **Nosso vizinho Kaingáng**. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003. 94p.

SANTIN, Silvino. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Liv. UNIJUÍ, 1987. 125p.

Seeds Of Freedom. Fundação Gaia; et al.(30min) Disponível em: <http://www.seedsoffreedom.info/watch-the-film/watch-the-film-portuguese/> Acesso em: 18 nov. 2014.

SILVA, Silvio. **Maneiras**. In: PAGODINHO, Zeca. A Arte de Zeca Pagodinho. Rio de Janeiro: Universal, 2004. 1 CD. Faixa 1.

SOUZA, Júpiter P. **Organismos Geneticamente Modificados: Impacto Ambiental, Legislação, e Bioética**. 2009. 103 f. Monografia (Especialização) – Especialização em Direito Ambiental, Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PRONI, Marcelo W. **História do capitalismo: uma visão panorâmica**. Cadernos do CESIT, Campinas, n.25, p. 1-39, out. 1997.

WALDMAN, Maurício. **O desafio das megacidades** – artigo eletrônico disponibilizado a partir de outubro de 2009 na coluna do Waldman do site Cultura Verde. São Paulo (SP): 2009.

APÊNDICE

Relatos sobre valores orgânicos

Início a tentativa de aproximar mais um pouco o leitor do significado de estilo de vida orgânico e dos valores relacionados no diagrama da physis - organicograma. Usarei o formato de relato de trechos do meu dia-a-dia para poder esclarecer melhor no que baseio este estilo de vida. Exemplificar como o modo de viver orgânico se faz presente em minha rotina. Que a qualidade orgânica que busco vem da conexão de hábitos ligados a essência da vida. Assim como transformo pequenos acontecimentos em fonte de energia e alegria para o meu dia, usarei estes episódios para ilustrar algumas percepções.

SAÚDE

Hoje o dia começou como qualquer outro sábado típico de minha vida, dia clássico como costume frequentemente dizer. Cedo da manhã fui acordado pelas lobas; tomamos água; café moído e passado na hora; necessidades fisiológicas feitas por todos e como de costume o pai de Dani veio nos buscar de carro. Para falar a verdade, sábado é o dia mais sagrado da semana nesta cidade. Dia de feira orgânica no Parque da Redenção de Porto Alegre. Em meio ao chuvisqueiro típico da metrópole, compramos farinha integral, abobora, alface roxa, espinafre, amaranto, feijão, brotos, tofu, pêssegos (a primavera nos traz alguns presentes), bananas, limão (na última semana tínhamos ficado sem - uma tristeza, pois limão é um dos alimentos que consumo diariamente), açafrão da terra entre outros temperos e verduras. A loba estava inquieta hoje, mostrando sua rebeldia; percebi que eu também. Mais costumeiro do que nunca, eu estava pensativo; à procura de significados; definições; filosofando. Mais tarde, guardamos nossos alimentos, arrumamos um pouco a casa, acendemos um incenso e Dani e eu fomos praticar nossa yoga diária (não que a lobinha não fique praticando a nossa volta suas

posições de yoga canina). Gosto desse exercício, preciso me concentrar na minha respiração pranayama e ao mesmo tempo sincronizar com os movimentos e posturas ásanas. Nos ajuda muito na qualidade da nossa respiração (eu e Dani temos desde pequenos asma brônquica) e percebo o quanto aprender a respirar direito é importante para me sentir bem. Me sinto muito bem depois da nossa Ashtanga Vinyasa Yoga, leve, tranquilo, me sinto conectado e em harmonia com a minha physis. Depois comemos nossas bananas com muita chia, quinoa, alpiste, linhaça, amaranto, castanhas, canela e limão. A tarde fomos passear com nossas magrelas - nossas bicicletas, pedalamos até chegarmos ao rio que banha nossa cidade. Pegamos um pouco de Sol e assistimos ao pôr-do-sol incrível que pintou no céu azul as cores verde, amarelo e vermelho. Alimentou minha alma, limpou minha mente rebelde e me fez voltar a perceber a grandiosidade da Vida. Então, com o corpo forte e alimentado por esse sopro vital, voltamos pedalandando feito THE FLASHS conectados as magrelas até nosso lar.

MOVIMENTO

Óhhhhhh não, 08:20 - pensei. Não fiz barulho para não acordar a Dani, só um beijo de tchau. Estava atrasado e minha aula no estágio começava às 09:00. 08:25 já estava de tênis e saindo do apê com a bike. Já tinha tido uma conversa com o prof. Elizandro e Meu Deus, aquele puxão de orelha já tinha bastado. Foi um minuto de aquecimento, não havia como me prolongar. Naquela hora eu não era o Fred, eu era o tempo. Virei eu então a bicicleta e parti feito um raio. Estava frio. Frio, frio mesmo e pelo meu blusão passava todo o vento que encontrava. Sentia minhas articulações e essa era uma sensação que eu realmente não gostava, mas tinha que ter persistência, naquela hora eu não era o Fred, eu era o tempo. Virei robô. Exigi de mim ser máquina e operar no máximo. Percorria na faixa da direita focado no que acontecia no horizonte e no próprio asfalto. Manejando o guidom sutilmente, para evitar no caminho os bueiros, os remendos e os buracos. Mesmo assim ia trepidando e topando com a desgastada pista da direita. O engarrafamento era geral, ônibus e carros parados. A Copa de 2014 não deu conta das obras atrasadas e, por isso, a cidade não estava tão bonita. Porém não filosofava, pedalava. Seguia a mil no percurso por

que estava atrasado e naquela hora não era o Fred, era o tempo. Virei Samurai que vive disposto a morrer a qualquer hora e com honra no campo de batalha. Não é exagero, meu amigo. O trânsito de Porto Alegre, às vezes, se torna campo de batalha. Isso eu percebia sempre que eu estava atrasado e precisava usar as grandes vias. Mas atalhando aqui, contramão ali eu cheguei no bairro certo. Parecia tele transporte do Jardim Botânico para o Navegantes. Não estava cansado, nem nervoso; estava agradecido em me ver inteiro. E quando avistei a querida Natalina, um rosto feliz da equipe da escola, naquela hora eu já não era mais o tempo, virei chegada.

VIVENDA

Tenho o privilégio de morar no bairro Jardim Botânico de Porto Alegre, uma das cidades mais arborizadas do país. Neste bairro localiza-se o Jardim Botânico da cidade e também a faculdade onde estudo. Morar em uma zona onde existem muitas árvores que funcionam como armadilhas potenciais para os poluentes atmosféricos é uma benção que nem todos possuem. Moramos em um apartamento e pela manhã temos o hábito de sentar em frente ao nosso edifício, no único banco que existe no pequeno pátio de piso de concreto. Desta forma interagimos com os vizinhos e amigos, os cachorros brincam, contemplamos o dia e as muitas árvores e flores que existem no nosso bairro. Certo dia, sentados ali, presenciamos o zelador e morador do prédio em frente ao nosso, lavar a calçada com o uso de uma mangueira. Vários minutos com aquela água esguichando no concreto. Empurrando folha por folha para a sarjeta. Era muito difícil para Dani e eu vermos aquela ação de desperdício de água - leia-se vida. Mas não foi neste dia que conversamos com ele a respeito, precisávamos pensar um pouco sobre como abordar este assunto tão delicado, um hábito de limpeza comum na cidade que desrespeita o elemento essencial da vida. Talvez falar um pouco

dos nossos hábitos, conhecimentos, métodos e planejamentos de limpeza que temos em nossa casa.

AMOR

A gente já havia se banhado no rio e, por isso, pusemo-nos a voltar pela trilha íngreme. Era preciso atenção para cuidar aonde pisava e nessa atenção com nossos passos percebemos bem ali, do lado da gente; um portal. Era um tronco de árvore quebrado que a natureza daquela mata tinha se apoderado. Ali residia vida, um Mini Mundo. Precisávamos chegar perto e ajustar a visão para enxergar este Mini Mundo. Estávamos amontoados e acocorados diante de algo relativamente pequeno, porém este complexo de miniaturas de cogumelos, plantas, formigas, aranhas, pigmentos, fungos, bolores se fazia grandioso. Respirava. Tinha movimento, assim como tudo a nossa volta também tinha. Esse momento que acontece na vida; essa brecha no tempo onde percebemos que estamos respirando, é também um jeito de perceber a vida daquele lugar; de perceber um só Ser, que respira junto. Momento que para mim, Dani, João e Paulinha, foi de abraçar e ser abraçado por toda aquela energia. Foi o amor.

SABEDORIA

Sabedoria pra mim é a imagem de um velho chinês; com cabelo, bigode e barba brancos e cumpridos; no alto da montanha; meditando de pernas cruzadas; tentando atingir o estado mental do só sei que nada sei. Porém viver é conhecer e lá me encontrava eu cruzando o portão da ESEF e me dirigindo à aula da 09:30. Por mais que particularmente eu goste de uma boa discussão em sala de aula; do professor que questiona os saberes do aluno; da tarefa de atribuir significados ao sentido da vida, admito que gosto também dos conhecimentos científicos. Aquilo que se diz comprovado, analisado e esclarecido também desperta meu interesse e, por isso, nessa volta as aulas, no primeiro semestre de 2014, eu estava agradecido por estar um pouco mais maduro e um pouco mais aberto para o conhecimento comprovado. Uma observação: Não ligo muito para as famas que alguns professores recebem nos corredores da ESEF e isso me ajudou na cadeira de Treinamento de Força. Primeiro que essa disciplina, por si só, já me interessava e segundo, que gostei do Prof. Ronei. Bastante. Ele tem um discurso científico que eu consigo assimilar e sua pedagogia, também tem estilo. Mais, eu estava

aprendendo a treinar. Nesse caminho que optei da Educação Física para compor a minha busca por autoconhecimento, eu estava, finalmente, aprendendo a treinar. Treinamento de Força; Treinamento Pliométrico; Treinamento Concorrente; Treinamento para Idoso; Treinamento para Crianças; Intensidade; Volume; Tempo de Intervalo... Ao final do semestre percebi que não havia só aprendido a treinar, mas sim treinado o que eu precisava reaprender. Reaprender a sentar de novo em sala de aula; reaprender a ouvir, pensar e refletir sobre o assunto apresentado, antes de dar início a uma série de implicações e de retrucas impetuosas; e reaprender a dar valor pra figura do professor que ali se esforça em contemplar o aluno com sua sabedoria. Aprender e reaprender são parte do meu treino.

HARMONIA

Atravessei o deserto para sentar mais uma vez na montanha Samar, esta que recebia o nome do meu lindo Kibbutz que de longe parecia uma bolha verde no meio do deserto. Quando me sentei, se formou um grupo: A noite, o deserto, as estrelas, a lua e eu. O momento era de pura reflexão, ia e voltava nas lembranças desses últimos 5 meses. Mal podia acreditar eu que iria para outro lugar e me despedir dessas maravilhosas pessoas. UAU e que pessoas. Que lugar, que sol, que estrelas e que pessoas. Era da mentalidade deles que eu mais gostava. Eram israelenses típicos, duros com suas palavras e duros em suas expressões, mas te tratavam com respeito. Pessoas da areia, das montanhas e do deserto que mantinham um vínculo com a natureza e a ela demonstravam respeito. Homens e mulheres vivendo em um lugar onde as nuvens carregadas ali só passavam uma vez ao ano. Homens e mulheres que quando a chuva chegava, davam vez aos seus prazeres e se tornavam crianças excitadas e abobalhadas, brincando na lama e com os pingos que caíam. Homens e mulheres que mesmo nas cenas mais atípicas, nos comportamentos mais infantis não perdiam o seu respeito. Bom, lá dentro tive uma particular experiência que foi algo incrível, talvez

inacreditável. Lá dentro da comunidade não lidávamos com dinheiro. Nunca. Nenhuma troca ali teve moeda envolvida, era tudo na base da solidariedade e da ajuda mútua. “Eu te dou uma força na tua casa, no outro dia tu me ajuda a plantar cenoura”. Algo simples que criava um laço entre as pessoas. Não havia regras que os mantinham equilibrados, mas todos sabiam que ninguém poderia dizer para o outro, o que este deveria ou tinha que fazer. Ninguém tinha essa autoridade, aliás não havia uma autoridade, todos eram e se sentiam os responsáveis por manter a energia daquele lugar fluindo. O fato era que o deserto te deixa forte. Te faz caminhar tranquilamente; te faz sorrir e mostrar os dentes; te faz viver num lugar quente. O fato foi que ali, fiquei mais forte. Foi o Sol sempre se exibindo; foi a raridade de uma nuvem surgindo; foi a família da qual eu fiz parte; foi da minha mãe de quem senti saudades; foi trabalhar e me conectar com a natureza; foi o apagar das antigas certezas. Foi o aprendizado, a vida, as experiências, as comidas; fui eu, foi eles, foi tudo, foi de repente. Te amo Kibbutz Samar. Lembro que essa bolha verde no deserto tinha algum tipo de harmonia.